

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

93)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

(FEVEREIRO 9, 1839)



MASANIELLO.

A SEDIÇÃO DE NAPOLES EM 1647.

O THEATRO moderno tem vulgarisado tanto o nome de Masaniello, que é justo, e até conveniente, dar a historia deste homem, despida das exaggerações e accrescentamentos da scena.

Thomaz Aniello, ou por corrupção de nome, o Masaniello, foi um mancebo pescador, natural de Amalfi, reino de Napoles, que viveu pelo meado do seculo decimo setimo, governando este paiz o duque d'Arcos, vice-rei por Philippe 4.^o rei de Hespanha. Napoles supportava então todos os flagellos das delegações do poder absoluto; os seus thesouros iam para Hespanha, a sua mocidade era arrastada para as fileiras do exercito hespanhol, e tanto uns como a outra se consumiam em ruinosas guerras por motivos d'ambição, e designios egoistas de uma côrte remota. O povo gemia opprimido com tributos, e soffria a injustiça e a tyrannia dissoluta dos officiaes e outros agentes de um dominio estrangeiro. Além das taxas levantadas sobre todos os objectos, quer de necessidade, quer de luxo, além da venda dos bens do estado e de alguns dos municipaes, e da alteração da moeda, cada vice-rei novo, que chegava, exigia, conforme suas instrucções, um *donativo gratuito* para o serviço de seu amo. A nobresa reunida em seus *sedili*, unica sombra que restava da antiga representação do paiz, era convocada pelo vice-rei para votar a somma, e distribuir as quotas do donativo segundo os districtos e as familias. Mais de cem milhões de ducados pagou Napoles ao thesouro hespa-

nhol, por este modo, desde o reinado de Carlos 5.^o, isto é, no decurso d'um seculo.

Em 1647, o duque d'Arcos afim de costear as despesas da guerra contra a França, lembrou-se, como ultimo expediente, de levantar um imposto sobre as frutas, hortaliças, e outros generos comestiveis do uso geral dos napolitanos. O edital, que annunciava este novo vexame, occasionou grande fermentação, especialmente entre a populaça. Um padre velho, chamado Genoino, que estivera preso por antigas imputações, contribuiu para inflamar o descontentamento geral; e Masaniello, que tocava então os seus vinte e cinco annos, e que por seu genio e viveza era grande valido da gente do mercado, fallou estrondosamente entre os seus amigos contra o novo imposto. Sua mulher tinha sido presa, ás portas da cidade, por querer passar alguns generos por alto; e para lhe obter a soltura, passados alguns dias de reclusão, teve seu marido de pagar os direitos e as custas: nasceu d'aqui, como era de esperar, o violento rancor de Masaniello contra o regime hespanhol. Aconteceu pôr-se o determinado peixeiro á testa d'um bando de mancebos, que se preparavam para a grande festividade da Senhora do Monte do Carmo, em que intentavam dar um spectaculo de combates simulados, e a imitação d'um assalto contra um castello de madeira erecto na praça publica. No dia 7 de Julho de 1647 andava elle com a sua tropa juvenil pelo mercado, onde, em consequencia do prejudicial tributo, poucos vendedores concorriam; e o povo passeava por alli carrancudo e descontente. Neste meio

tempo, suscitou-se uma contenda entre um camponez e um comprador, sobre qual dos dois pagaria os direitos de uns poucos de figos. Levada a causa incontinentemente ao *cletto*, magistrado municipal competente nestas materias, este decidiu contra o camponio, que d'enraivado arremeçou o cabaz de figos ao chão. Reuniram-se logo as chusmas á roda do homem, praguejando os tributos e os seus exactores: Masaniello appareceu em meio do tumulto clamando: "Nada d'impostos! fóra os impostos!" Este brado foi exaltado e repetido por milhares de vozes. O *cletto* tentou arengar ás turbas, porém Masaniello lhe atirou com um punhado de figos á cara, e tanto elle como os seus meirinhos a custo fugiram ao furor da multidão. Então Masaniello dirigiu á populaça, que o cercava, uma falla de rude, mas fervorosa, eloquencia, expondo os vexames e miserias communs, e indicando a necessidade de pôr ponto á oppressão e avareza dos seus governantes. "O povo napolitano" exclamou elle "não deve pagar mais impostos!" E o povo lhe correspondeu gritando "Seja Masaniello o nosso chefe! Viva Masaniello!" As chusmas se puzeram em movimento, com este commandante á frente; e a cada passo o numero crescia: a sua raiva caíu primeiro sobre as casinhas e barracas dos cobradores, as quaes incendiaram, e apoz ellas as casas e palacios dos arrematantes dos direitos, ou daquelles que por qualquer modo sustentavam este systema. Munidos das armas, que puderam colhêr das officinas de espiugardeiros e de outras partes, proseguiram para o paço do vice-rei, forçando o caminho a despeito dos guardas; até que conseguindo Masaniello e outros companheiros chegar á presença do vice-rei, peremptoriamente exigiram a abolição de todos os impostos. O vice-rei assentiu á proposta; mas crescendo o tumulto, e tentando evadir-se, foi maltratado em sua pessoa, até que porfim pôde, atirando com dinheiro aos amotinados, refugiar-se em Castel-novo. Os paços foram despejados dos moveis, que sendo trazidos para o meio da praça ali foram queimados por ordem de Masaniello, que então foi saudado, por aclamação das turbas, como "Capitão general do povo napolitano"; ergueram-lhe um tablado no centro do largo, onde tomou assento, com seu trajo de peixeiro; e brandindo uma espada nua d'alli dictava as suas ordens, que tinham força de lei. Os cidadãos em geral, além da relé, lhe obedeceram; organisou-se uma casta de republica, e os homens se armaram e distribuíram-se em regimentos semi-disciplinados. As poucas tropas hespanholas e alemães foram desbaratadas, e obrigadas a tomar a defensiva em castellos onde se encerraram. Nesta extremidade o vice-rei propoz ao cardeal Filomarino, arcebispo de Napoles, que era homem de intelligencia, e que tinha a seu favor a aura popular, para obrar como mediçheiro entre elle e os sediciosos. Redigiram-se os artigos do convenio sob a direcção do Masaniello, em virtude dos quaes todos os direitos sobre generos de consumo geral eram abolidos, os privilegios concedidos por Carlos 5.^o restaurados, e afóra isto dada uma amnistia plena a todos os implicados na revolta. Fixou-se o dia para a assignatura do vice-rei; e o cardeal, com todos os atavios da sua dignidade, acompanhado de Masaniello, encaminhou-se a Castel-novo, seguido de innumeravel multidão. O vice-rei acolheu a Masaniello com mostras benignas, e as condições foram examinadas e acceitas. Como este cabeça da rebellião se detivesse longo tempo dentro do castello, a populaça começou da banda de fóra a tumultuar e a impacientar-se; logo porém que appareceu a uma janella, com um leve aceno impoz immediatamente profundo silencio; a outro aceno os sinos

repicaram, e o povo rompeu em vivas! mas assim que de novo crusou o dedo sobre os labios, tudo ficou mudo e tranquillo. Então o vice-rei se convenceu da extraordinaria influencia deste homem; concluiu-se a negociação, depois da qual o duque d'Arcos deitou ao pescoço de Masaniello um collar d'ouro, e o saudou com o titulo de duque de S. Jorge. O peixeiro, assim condecorado, voltou triumphante á sua humilde habitação, e a paz momentaneamente se restabeleceu.

Mas o animo de Masaniello entrou logo a dar signaes d'um fatal abatimento; a sua repentina exaltação, os dictos que a seu respeito vogavam, a sua total inexperiencia dos negocios, o calor da estação, a falta de somno — tudo concorreu para lhe eivar o miolo. Queixou-se d'uma sensação "como de chumbo a ferver-lhe na cabeça"; fez-se desconfiado, e continuamente receoso de traições, muito mais porque um bando de assassinos confundidos com o tropel do povo tentaram acaba-lo na sua tribuneca do meio da praça. Estes miseraveis foram é verdade summariamente condemnados e executados, mas os temores de Masaniello continuaram, e ordenou que nenhum homem, ainda que fosse ecclesiastico, trouxesse vestidos talares, ou capas d'embuço. Administrava a justiça ao povo, de uma janella baixa de sua casa, e com um bacamarte carregado sempre á mão, e a porta rodeada de guardas vigilantes. Mostrou-se caprichoso, absurdo, e cruel, postoque não fosse a crueldade vicio natural do seu character. Começou desde logo a perder o credito para com a multidão: além disto o governo rebelde pretendia haver dinheiro, e como unico recurso lançaram de novo mão dos impostos sobre os comestiveis. Masaniello não tinha evidentemente plano regular ou fixo; a sua unica idéa fóra remover os tributos e abater a nobreza, mas nunca lhe passára pela lembrança sacudir a soberania do rei de Hespanha. Em seu furor contra a nobreza napolitana votou á destruição sessenta palacios, vinte e quatro dos quaes, apenas, foram queimados. Pronunciou sentenças de morte, ora contra uns ora contra outros com horrivel volubilidade. Os seus lazzaroni [plebe vadia e revoltosa que em todas as epochas infestou Napoles] eram regidos por semelhantes impulsos e sentimentos: traziam croques de barqueiro nas mãos, para o intento, diziam elles, de puxar os fidalgos dos cavallos para baixo.

Masaniello, ao mesmo tempo, conhecia a sua fraqueza; fallava de abdicar o poder, e de voltar ás suas redes de pesca; mas já era tarde. Alguns miseraveis, entre elles o padre velho, Genoio, que foram subornados para effectuar a ruina de Masaniello, o incitavam para continuar em sua tresloucada carreira. Aos 14 de Julho, dia oitavo da rebellião, lembrou-lhe ir divertir-se por mar até o cabo Pausilippo. O vice-rei lhe mandou facultar o seu escaler; e Masaniello foi, acompanhado por musicos, e grande sequito dos seus apaixonados, e de muitos curiosos. Ao chegar, quiz ir á missa por ser Domingo, e arremeçou-se ao mar inteiramente vestido. A ceia tomou tamanha quantidade de generoso vinho que o recolheram em estado de completa embriaguez. No dia seguinte appareceu, como de costume, no seu tribunal ordinario; e ainda era poderoso, porque o povo ainda lhe era afeiçoado; mas portou-se tão indignamente nesse dia que os seus amigos se convenceram da sua insanias, e o espiaram em toda a noite. Na manhã de 16, dia da solemne festividade da Virgem, Masaniello escapou á vigilancia de seus amigos e correu á igreja do Carmo, onde o arcebispo celebrava a missa; no fim desta subiu ao pulpito, e com um crucifixo na mão arengou ao numeroso audito-

rio; patheticamente commemorou os sacrificios que fizera pelo bem publico, descobriu o peito, mostrou o corpo atenuado pelas vigalias e fadigas. A principio este discurso commoveu os ouvintes, mas o pobre Masaniello caíu subitamente n'uma das suas alienações mentaes, perdeu o fio do discurso, e fallou incoherentemente e sem sentido. O povo começou a rir, e a sair da egreja; Masaniello foi tirado do pulpito pelos padres; porém o arcebispo lhe fallou benignamente, convidando-o a descaçar no convento contiguo. Aqui o levaram para uma cella, fizeram-lhe mudar de roupa, e o deitaram para repousar por algum tempo: em breve porém se levantou, e pondo-se a olhar melancolicamente de uma janella para a socegada e formosa bahia de Napoles, que se espraiava á sua vista, recordava-se talvez dos felizes tempos em que elle costumava vogar por aquellas aguas na sua canôa de pesca; quando de repente ouviu no dormitorio vozes, que bradavam por elle. A porta aberta da cella se apresentaram homens armados. — “Aqui estou: que quer de mim o meu povo?” — Uma descarga de mósquetaria foi a resposta; e Masaniello caíu, exclamando — “Ingratos traidores!” e soltou o extremo suspiro. Cortaram-lhe a cabeça, e espetada n'um páu a levaram ao vice-rei; o corpo foi arrastado pelas ruas por um bando de rapazes, como elle proprio predissera poucos dias antes, e depois arremegado a um fosso.

A revolta contudo não estava ainda subjugada: o povo depois de nomear o principe de Massa para seu caudilho, que em breve assassinaram, escolheu Genaro Anese, um dos scelerados, que attentaram contra a vida de Masaniello, mas que em pouco tempo foi supplantado pelo duque de Guise, que veio a Napoles tentar fortuna, como representante da Casa d'Anjou.

MAIS UM BRADO A FAVOR DOS MONUMENTOS.

I

Os SCHEIKS da tribu arabe de Bkà estavam um dia, pela volta da tarde, assentados juncto das columnas de um templo, na extremidade oriental da Acropolis de Balbek.

D'aqui, pondo a mão sobre os olhos, para os resguardarem do sol que os deslumbrava, os cabeças da tribu de Bkà alongavam a vista para a banda do poente.

E o sol, que descia rapido, mandava a sua luz suave, atravez daquellas arcarias gigantes e immensas; daquellas columnas monolythas, a menor das quaes os braços de dez mil arabes não valeriam a erguer.

A hora era de meditação e de melancholia; e os scheiks com aspecto carregado olhavam para a ossada espantosa da antiga cidade, que é como uma injuria, que o passado atira ás faces do presente, e ao mesmo tempo, como um protesto solemne contra o eccho vão chamado gloria, e contra os dois dias que esta dura, a que chamamos eternidade.

E por entre aquellas moles de marmore e granito, viam-se passar, buscando as suas cabanas, sumidas por entre as ruinas, os arabes do deserto, semelhantes a gusanos, que refervem no cadaver meio-apodrecido de um elephante, esquecido pelos caçadores nas margens solitarias do Zambeze.

E, depois de largo silencio, um dos scheiks abaixou os olhos, e com voz presa de furor intimo, disse para os seus companheiros:

“Porque consentiremos nós, os filhos do propheta, que estes gigantes de pedra estejam continuamente assoberbando a choupana humilde do arabe, que passa livre na terra?”

“Se a nossa vida é um instante, edifiquemos guarida que lhe baste: nossos filhos que alevantem como lhes aprouver a tenda do seu repouso.”

“E esta é a verdadeira sabedoria.”

“Para que, pois, construíram as gerações passadas esses edificios immensos, e semearam abysmos pelo Anti-Libano, arrancando delle pedreiras macissas, como se fossem os grãos de arêa, com que ergue collinas movediças o sopro impetuoso do Simúm, que varre os desertos?”

“Que temos nós com os tempos que já lá vão, para que elles venham, com a linguagem muda dos monumentos, increpar o arabe de sua solta existencia, e compara-la com o apuro de artes, e com a magnificencia laboriosa dessas eras de grandesa e de poderio?”

“Certo é que então saíam da Assyria os conquistadores da Asia: della saíam as frotas que descobriam novos céus e novos mares; e os poetas cantavam a gloria de façanhas quasi incriveis.”

“Mas hoje o arabe é, senão livre, ao menos licencioso; e posto que o reluzir do sabre de um Spahi d'Ibrahim faça fugir amedrontados cem cavalleiros nossos; posto que o frangue do occidente nos desprese como barbaros, podemos saborear sem trabalho o pão de mendigos, saltar traçoeiramente o viandante, e nenhum monumento dirá bem nem mal de nós aos vindouros; porque de nós nem restará o vestigio da ultima jazida.”

“E para que estarão ahi por mais tempo esses templos, esses palacios, essas muralhas, eujos lanços de cem covados tres ou quatro pedras unidas bastaram a formar?”

“Que se reunam os filhos de nossas solidões profundas, e desmoronem pouco a pouco estas memorias, que são uma especie de maldicção lançada contra nós pelas gerações extinctas.”

O scheik callou-se: os outros abaixaram com lentidão grave as cabeças, como quem approvava o dicto.

Se qualquer de nós que isto escrevemos, ou de vós que o ledes, chegasse neste momento ao pé do velho templo de Balbek, e ouvisse as razões do arabe, o que diria no primeiro impeto de uma justissima colera?

Diria que o scheik era uma vibora, que esmagada debaixo dos pés de trinta seculos, queria dardejear contra elles a sua lingua venenosa, pensando que os podia derrubar em terra.

E antes que a nefanda obra, que elle traçava, e os seus companheiros approvavam, começasse a ser executada, assim fallaria áquelles miseraveis loucos:

“Vós-outros quereis derrubar a memoria dos que foram, porque a sua magestade pesa mais sobre a vossa consciencia, do que sobre esse chão, que parece gemer e curvar-se debaixo de tantas grandesas. Melhor fôra que, convertendo-vos á virtude antiga, vos tornasseis uma nação forte e illustrada, capaz de erguer monumentos, que emulassem estes.”

“Credes que a luz do sol occidental, batendo nas columnas avermelhadas dos velhos templos, vos reflecte nas faces envilecidas esse rubor, que as tinge? Enganaes-vos: a vermelhidão, fa-la apparecer sobre a vossa tez crestada, não o reflexo da pedra lisa, mas uma voz intima, que nunca podereis suffocar — a da consciencia do vosso aviltamento e miseria. Esse rubor não o apagareis com o retumbar destes marmores, desabando sobre um sólo deshonorado pela vossa infamia; mas sim fazendo callar com virtudes o grito dos remorsos.”

E, em verdade, qualquer de nós ousaria dizer isto ao arabe do deserto?

Não! — porque nós somos como elles: nós tam-

bem nos persuadimos de que, varrendo todos os vestígios do antigo Portugal, podemos esconder aos estrangeiros a nossa decadencia actual, e cremos que, para ser homens deste seculo, é preciso que reneguemos dos nossos maiores.

Todavia alguns individuos ha ahí, que ainda gemem vendo a destruição das venerandas memorias dos tempos gloriosos de Portugal: ainda ha quem lucte contra a torrente de barbaria, que alaga esta terra, tão rica de recordações, as quaes homens, cujos pensamentos e desejos só se inclinam para o lodo, pretendem de todo anniquilar. — O grito de indignação, que soltámos ha tempos contra o vandalismo desta epocha, achou echo, por varias partes do reino, em corações ainda portuguezes. Temos recebido algumas cartas, que sentimos não poder publicar nos estreitos limites de um semanario como este. Ha em mais de uma dellas a eloquencia da convicção e do despeito profundo: ha nellas um protesto solemnissimo de que ainda nem todos os filhos de Portugal venderam sua alma ao demonio das devastações: ha nellas uma prova indestructivel de que o ruido dos alviões e picaretas não basta para affogar os brados da boa consciencia, da razão, e do amor de Patria. Lendo-as, o sangue referve nas veias contra essa idéa fatal, que entrou na maxima parte dos entendimentos, de que tudo quanto é antigo é máu, ou de pouco momento, quando a peor cousa que ha, é essa idéa dominante da nossa epocha; a mais ridicula o seculo que a admittiu; a mais detestavel a mão que a traduz em obras, estampando sobre a terra da sua infancia a inscripção que o atheu manda pôr sobre a sua campa: — Aquí é o sepulchro do Nada! —

Quando no segundo artigo, que escrevemos ácerca dos monumentos, apontámos varias assolações feitas pelos arrazadores, não nos esquecemos das dos reformadores, e repartimos com justiça, segundo nos parece, a porção de honraria que tocava a cada uma destas castas de vandalas, conforme os meritos de uns e de outros. Fallando dos renovadores, caiadores, ou enlabuzadores de monumentos, especie mestiga entre os homens de juizo e os furiosos mentecaptos do camartello; especie demente, que nuta entre o passado e o presente; especie absurda, que crê em Deus, e não na arte; especie, cujos caracteres distinctivos andam soltos pelas paginas do Lutrin e do Hyssope, de D. Juan e de D. Branca; quando delles tractámos, repetimos, não nos esqueceu mencionar o crime de lesa-arte, lesa-gosto, e lesa-razão, que em Guimarães se commettera, nos reparos e concertos ultimamente feitos em Sancta Maria da Oliveira. Passámos de leve sobre este facto, porque muitos outros não menos vergonhosos tinhamos de notar. Ha pouco tempo, porém, recebemos uma carta, em que miudamente se nos narrava esse espantoso vandalismo, com tal força, pureza de estilo, intelligencia da arte, e conhecimento da historia, que bem se via que ella fora escripta por mão portugueza, e por coração portuguez dictada. Doe-nos em verdade, o não podermos publica-la; que mais honra faria a este periodico do que a nossa pobre escriptura; mas a vastidão da materia que tractamos, e que, não poderemos incluir em um só artigo, nos constrange a resumirmos aqui essa valiosa carta.

A igreja da collegiada de Guimarães, alevantada por D. João 1.^o, era um dos mais bellos monumentos da architectura gothica. O seu tecto de grossas vigas, lavradas primorosamente, constituia com o da só do Funchal todas as riquezas monumentaes, por nós conhecidas, que Portugal possuia deste genero de tectos; porque na idade media se empregou geralmente a abobada de pedra para cubrir os templos,

sendo talvez rarissimo em o nosso paiz outro qualquer tecto daquella materia. Além disso as bem proporcionadas arcarias, os capiteis adornados de esculpturas variadas e subteis, as tres naves magestosas, divididas por formosos pilares, inspiravam em subido grau aquelle respeito saudoso, que só sabem produzir as egrejas gothicas. Os annos não tinham passado em vão sobre o monumento: arruinado em partes, carecia de reparos: o cabido ajunctou para isso grossas sommas: chamaram-se obreiros; e ha sete ou oito annos que estes lidam por apagar todos os vestígios da antiga arte: quebraram-se os lavores dos capiteis e cornijas: substituiram-se com pedras brancas; estas pedras cubriram-se de madeira: esta madeira dourou-se, pintou-se e caiou-se: — o templo do Mestre de Aviz lá está alindado; lá está coberto de arrebiques: os que deviam conservar-lhe com todo o esmero a magestade de suas caãs; os que deviam gastar as sommas que possuam em buscar, não quem o remoçasse, mas quem o conservasse com seu aspecto de veneranda antiguidade, fizeram da casa do Senhor uma velha prostituta, que esconde as rugas debaixo da alvura e do carmim emprestados; blasphemaram de Deus, não com blasphemias de palavras, mas com blasphemias de obras: deram, emfim, um documento incontrastavel de que não havia ahí um só homem, que soubesse a harmonia que existe entre a architectura e a religião; que se lembrasse de que o livro da lei e o templo são dois typos sensiveis, dois verbos que explicam, um aos ouvidos, outro aos olhos, a mesma idéa religiosa, e que, porventura, é tão impia a mão que rasga o livro de pedra, como a lingua que renega do verbo que está escripto.

E os habitantes de Guimarães que disseram, durante oito annos que os vermes andaram a roer naquelle cadaver?

Louvaram o bonito da nova obra: e alguns ha que já se lembram [segundo nos diz o nosso correspondente] de demolir os restos das venerandas muralhas, que de tantos combates são testemunhas, e de pôr ao nivel do chão as paredes que ainda existem dos paços de D. Henrique; dos paços, onde D. Affonso 1.^o nasceu, e onde, passados annos, entrou victorioso de sua mãe, que vendera a terra de homens livres por preço do amor do estrangeiro. Arrazar-se-hão, pois, os restos dos muros alevantados pelo rei lavrador, e os paços dos nossos primeiros monarchas, e apenas ficará ahí o frontispicio da antiga collegiada, como esquecido pelos vandalas do páu dourado, e do estuque, em quanto se aguçam as picaretas que o devem derrubar, ou se vae delindo a cal, com que, para rasgar de todo o ultimo documento de nobresa da velha Guimarães, se ha de branquear e estragar esta ultima pagina do passado, para consolação e regallo da illustradissima geração actual.

E haverá um governo que o permita?

Fôra necessario, que se entendesse, emfim, que qualquer monumento historico não pertence ao municipio dentro de cujo territorio jaz; mas que pertence á nação toda; porque nem a mão poderosa, que o fez erguer, regia só esse municipio; nem as sommas que ahí se despenderam foram tiradas só d'elle; nem a historia, que requer para documentos essas pedras antigas, é a historia de uma villa ou cidade unica; mas sim a de um povo inteiro. Se, por exemplo, aos habitantes de Guimarães não importa perderem os testemunhos perennes de que a sua villa foi a primeira cabeça do reino; se não lhes importa que o estrangeiro, sabendo pelos livros, que ella o foi, vá examinar os monumentos, que os mesmos livros dizem ahí existir, e que, achando-os convertidos em pavimento de calçadas, fuja espavorido temendo alguma

fréchada, ou azagaiada, como se estivesse nas solidões da America: se não curam da propria gloria e honra, consentindo que as suas auctoridades municipaes sejam da familia arrasadora; que o seu clero deturpe com mentirosos arrebiques o velho e venerando sanctuario; ao menos, que as auctoridades supremas não deem documento ao mundo de igual ignorancia e barbaria, e que provejam na conservação do que ainda resta, em quanto uma lei sobre os monumentos não quebra por uma vez as picaretas e alviões, que tantas esculturas tem roçado, tantas columnas partido, tantas torres e curucheus derrubado.

Dessa lei, e de muitas outras cousas nos cumpre ainda fallar: ficarão para outro artigo, que este vae já largo; e desmarcado fôra, se tudo o que devemos dizer, nelle o houveramos de incluir.



A GRANDE ALCA DO NORTE.

EIS-AQUI um singular habitante dos mares do pólo arctico; uma das aves mais imperfeitas, por ser mais vestida de pello que de pennas, e ter uns côtos, leves rudimentos de azas, na apparencia inuteis, mas que lhe servem optimamente para nadar e mergulhar, e tanto como os pés espalmados, auxiliando-a perfeitamente na progressão por agua; elemento onde passa toda a existencia, exceptuando o tempo da postura, e da criação da prole. Nesta epocha se retiram as alcas para cavernas, e rochedos ingremes das praias do mar. Alli se junctam aos bandos estas aves estupidas; cada fema põe um unico ovo, maior que o de cisne, amarello-esbranquiçado, salpicado com riscas e pintas numerosas, em que alguns acharam semelhança com os caracteres da escripta dos chins: alli sustentam os filhos até que cheguem a estado de procurar vida, vogando sobre as aguas, como seus paes, em demanda do alimento, que, como o de todas as aves aquaticas, consiste em pequenos peixes, crustaceos, e outros animalejos marinhos; e o seu bocado mimoso é um peixe oval, cuberto de pelle aspera, com sete fieiras longitudinaes de tuberculos cartilagosos, e por isso chamado "o lumpo tuberculado do Norte" [*cyclopterus lumpus*].

As pernas das alcas são collocadas tão posterior-

mente, que estas aves se mantem em pé quasi apuradas, como se vê na estampa. As azas, ou côtos, são tão curtas, que, não obstante apresentarem alguns vestigios de pennas, não servem para voar; mas nisto mesmo se vê executado o designio da Providencia na criação destes individuos, destinados a uma vida toda maritima e piscosa. Assim tudo está disposto no mundo com sabedoria infinita; e o conhecimento destas harmonias da natureza não é uma das pequenas vantagens do estudo da historia natural.

DE ALGUNS CASTIGOS USADOS ANTIGAMENTE EM PORTUGAL.

JÁ no extracto que publicámos do foral de Santarem [a paginas 379 do 2.^o volume] fallámos do castigo extravagante, que se dava á mulher casada que brigava com outra: este castigo, ordenado nos costumes de Santarem, era, além de ridiculo, barbaro e indecente; mas outros semelhantes se usaram entre nós na idade média, e se acham consignados nas leis e foraes do reino.

No foral de Pombal, e no do Zezere, ambos dos primeiros tempos da monarchia, se lê que o mordomo d'elrei não se opponha á execução da sentença, quando o senhor condemnar qualquer mouro seu a ser apedrejado, ou queimado, seja qual fôr a culpa do sentenciado. Vê-se deste passo daquelles foraes que estas duas cruelissimas penas estavam em uso naquella epocha: e ainda em tempo de D. João 1.^o apparece um criminoso queimado vivo, e o mais é, não mouro, mas christão e fidalgo, por ter tido tracto illicito com uma dama do paço. Foi este Fernando Affonso, queimado no rocio de Lisboa por ordem daquelle principe.

O castigo das pauladas e varadas era tambem vulgarmente applicado a muitos crimes. Distinguiam-se as duas fórmas do castigo. A denominação geral da pena parece ter sido Fusta, ou Fustám: á de pauladas, dadas com bordão, ou vara não flexivel, o que se exprimia *correger por páus*, chamavam varancadas; e ás varadas, dadas com varas delgadas e flexiveis, chamavam tagantes, o que se enunciava com a expressão *correger por varas*. Este castigo foi substituido pelo dos açoutes, que só neste seculo se aboliu.

Havia tambem, nos primeiros tempos da monarchia, a pena de cortamento de membros. É celebre na historia a lei de D. Affonso 2.^o, pela qual ordena que, quando elle condemnar alguém á morte ou a *cortarem-lhe algum membro*, se não cumpra a sentença sem passarem vinte dias, porque na condemnação póde haver paixão, ou sanha, da qual elle se arrependa. Esta pena de cortamento de membros era principalmente o das orelhas, que se acha mencionado em muitos foraes, e cartas regias. Havia, além disso, a marca na testa, com um ferro em braza, para os ladrões e salteadores; mas o ser desorelhado foi a pena que se impoz em 1499 a todo e qualquer peño que se achasse cortando ou desatando alguma bolça, e já muito antes disso dizia o foral de Sancta-Cruz de Villarica, no seu aceado latim, fallando dos ladrões reincidentes: — *Prendant illos alcaldes las orelias: et si alia vice furtaverit, matent illum*.

A pena de expôr o criminoso á vergonha, atado a uma argola na *picóta*, ou pelourinho, era só applicada em casos menos graves. Estavam sujeitos a ella, os padeiros, carneiros, regateiras, que pela 3.^a vez roubavam no peso dos generos. Em varias posturas das camaras do reino se acha esta especie de condemnação, especificando os casos, em que os infractores dessas posturas deviam ir á *picóta*.

BEGUINOS.

TAL foi a denominação que se deu a uma antiga especie de associação religiosa, que nascida quando mais densas eram as trevas da idade média, se derramou pela Europa, onde durou largo tempo; e ainda della se achavam vestígios, não ha muito, em Hespanha e n'outras partes.

O espirito monastico tão vulgar nas primeiras epochas das modernas monarchias, deu origem a esta constituição, como a deu a muitas outras. Formavam os beguinos communidades, umas de homens, outras de mulheres, com certa norma de vida; mas sem sujeição aos votos ou regra de qualquer dos institutos monasticos, que então havia. A principio, parece viviam mui exemplarmente; mas isso durou pouco: já no concilio viennense de 1166 foram os beguinos condemnados como sustentadores d'erros, hypocritas, e homens corrompidos; condemnação que se renovou no outro concilio viennense de 1311; porque nem as censuras do primeiro os tinha aniquilado, nem elles haviam mudado de proceder. A inquisição, que naquella epocha estava em todo o vigor, começou então a persegui-los, extinguindo os asylos em que viviam, e queimando muitos beguinos, de modo que estes se extinguiram em França, ficando porém as beguinas reformadas, e as chamadas irmãs terceiras de S. Francisco. Os beguinos parece que tambem por este tempo foram extinctos na Alemanha.

Em Hespanha, porém, e em Portugal, duraram por mais tempo: segundo Fr. Pantaleão d'Aveiro davam, entre nós, esta denominação aos monges da Serra d'Ossa, e no sentir do auctor do Elucidario, tambem, porventura, aos loyos, mais conhecidos, naquella epocha, pelo nome de bons-homens de Villar. Com o correr dos tempos os beguinos portuguezes se tornaram por tal modo dissolutos que o dar este nome a qualquer era tão affrontoso como chamar-lhe hypocrita refalsado. Para dar uma idéa do que eram estas associações religiosas no principio do seculo 15.^o citaremos um pedaço de um capitulo das cortes d'Evora de 1408 [era de 1446] ou antes das de 1391 [era de 1429] no qual, depois dos povos pintarem a elrei a relaxação e desordem de costumes em que vivia o clero secular, continuam assim: "E isto que se diz dos clerigos se deve fazer nos frades, religiosos e religiosas, e as beguinas, que fazem conventiculos de fóra, e não querem tomar ordem approvada, onde fazem obras, a Deus pouco aprazentes, e contra seu serviço, e injuria sua: sejam constrangidos a entrarem em ordem approvada, onde sob regra sirvam a Deus; e em maneira alguma lhes consintam taes conventiculos e ajuntamentos; e não serão escandalo do povo: e assim cessará quanto mal se faz, e injuria a Deus, até aqui não castigado nem emmendado, por clerigos, frades, religiosos e beguinos, que mais são apparentes que existentes, &c.

Quanto á origem do nome *beguinos* ha varias opiniões: uns dizem que vem de *Begga*, companheira de S. Brigida, que segundo estes foi a fundadora de taes associações: outros querem que o fundador fosse um certo Lamberto Le Begue, sacerdote francez, e que deste lhes viera a denominação. A mais provavel opinião é que a palavra *beguinos* venha do verbo alemão *begehren* pedir, porque eram mendicantes; e porventura a poderíamos derivar do verbo *sich begehren*, que soa como associar-se.

USOS EXTRAORDINARIOS DE ALGUNS POVOS NA ELEIÇÃO DE SEUS PRINCIPES.

COMEÇANDO pelos povos da terra de Gangarda, que

fica além do Ganges e Japanin, costumam estes, eleger para rei ao mais formoso, e tanta estimação fazem do bom gesto, que em algum nascendo, em chegando a dois mezes, o levam a juizo, e se o tem bom criam-no, senão matam-no. Assi na opinião de Baldo, nascendo dois meninos de um ventre, e ignorando-se qual foi o primeiro no nascimento, se ha de dar o morgado ao mais gentil homem. Tanto se favorece ao bom parecer. E já nas leis de Dracão se ordenava que achando-se muitos em uma pendencia, e ignorando-se qual fóra o homicida, se pegasse do de mais ruim cara. Inferiam estes da boa ou má apparencia o bom ou máu proceder nas acções; por isso lá oz barbaros da Scithia, vendo ao grande Alexandre, se admiravam de como a proporção do corpo não correspondia á grandesa do animo, e á heroicidade dos feitos; consideração que tambem fez Rinaldo rei de Escocia, vendo a Edgaso rei dos Britanos, e certos brazilienses vendo Carlos 9.^o rei de França, julgando, a seu modo barbaro, pelas medidas do corpo e pelo agradável da presença a generosidade do animo; sendo que ainda que a proporção ou a desconformidade dos membros e do gesto se derivem da boa ou má organização dos humores, e d'estes a inclinação, domina o imperio da razão sobre a jurisdição da natureza, e assim vemos pela historia muitos homens famosos mal agestados.

Os barbaros de Auraco, no reino do Perú, escolhiam para seu rei ao de maiores forças, e ao tempo da eleição traziam um madeiro grande, e aquelle que mais tempo o sustentava aos hombros, saía com a preeminencia de maior e os governava.

Conta Justino, liv. 1.^o da sua historia, que querendo os grandes da Persia eleger rei, despojado da côroa o tyranno Oropastes, se concertaram entre si que na manhaã do dia seguinte viessem todos a cavallo á praça, e aquelle cujo cavallo rinchasse primeiro, antes de nascer o sol, esse fosse obedecido como rei. Estava entre estes Dario, filho de Hestaspis, e um estribeiro seu tomou o cavallo, em que ao outro dia havia de cavalgar seu senhor, e levando-o ao logar assignalado o lançou ahi a uma egua. No dia seguinte chegando o cavallo ao mesmo posto, e lembrando-se da egua, rinchou, estando todos os mais callados, e foi Dario conhecido como rei. Até uma eleição fiada da sorte póde subornar a industria d'um bom criado.

Semelhante a esta foi a eleição, que refere o mesmo Justino no liv. 18 onde diz que abatidos os cidadãos de Tyro, pelos muitos damnos que haviam recebido dos reis da Persia e Ascalonia, chegaram a tanta miseria que levantando-se contra elles seus escravos os mataram a todos. Um só houve de mais fidelidade, que, escondendo a seu senhor Straton, o não quiz matar. Querendo depois eleger rei entre si, que os governasse, accordaram que fosse aquelle que primeiro de manhaã visse o sol. Isto contou o escravo a seu senhor Straton, o qual lhe aconselhou que esperasse o sol olhando sempre para o occidente, e não para o oriente. Assim o fez, e viu primeiro os raios do sol, que feriam nos montes visinhos. Não lhe negaram os companheiros que ganhára, mas duvidaram de que fosse sua a agudeza. Confessou o escravo quem o ensinára, e fizeram rei a Straton.

O papa Pio 2.^o, na sua *Cosmographia*, conta um galante costume, que observam os da provincia de Carinthia, que é do senhorio d'Austria, na coroação do seu principe; e é, que no dia assignalado sae o archiduque com grande acompanhamento, vestido rustica e pastorilmente, com um cajado na mão, levando diante de si doze bandeiras, e uma mais eminente, que por privilegio leva certo conde. E che-

gando a um campo aonde, sobre uma pedra para este effeito ahi posta, o está esperando um lavrador, a quem por geração pertence esta preeminencia, e tem da parte direita uma vacca parida, e da esquerda um egua fraca e de máu feitio, diz o lavrador em voz alta: "Quem é aquelle que com tanto fausto e soberba vem?" Respondem-lhe os circumstantes: "Este que vem é o principe e senhor desta terra." Torna a perguntar o lavrador no mesmo tom: "E' juiz justo, que guardará justiça, e procurará a saude e defenza da patria?" E' de geração livre, e esforçado, digno de honra e respeito? E' christão defensor, e propagador da fé de Jesu Christo?" Respondem todos: "E', e será. Torna a perguntar: "Pois disse-me com que razão, e direito me ha de tirar deste logar em que estou?" A esta pergunta responde só o conde que leva o estandarte, dizendo: "Por este logar te darão sessenta cruzados de ouro, e esta vacca e egua serão tuas, e te darão o vestido precioso que pouco ha largou o nosso principe, e tu, e tua casa serão livres de todo o tributo. Acabando de dizer isto, chega-se o principe á pedra, e o lavrador lhe dá uma pescocada com a mão esquerda mansamente, e o amoesta que seja bom juiz, e baixando da pedra, toma a sua egua e vacca, e vae-se. Neste tempo se apea o principe do cavallo em que vae, e tirando da espada, dá certos talhos a uma e outra parte, e promette a todos em voz alta de ser bom principe, o que faz subindo á pedra onde estava o lavrador. Trazendo-lhe logo em um vaso pastoril uma pouca d'agua, e bebendo d'ella, baixa, e tornando a cavalgar, vae com todos os que o acompanham a um templo de N. Senhora, que ahi perto está, onde ouve missa solemne. Logo deixa o vestido vil adornando-se de custosa gala; e depois de comer esplendidamente com os que o acompanham, volta do campo, e faz audiencias aos que lhe querem fallar. Ridiculo parecera o uso, desapropositado o costume, senão se encaminhára a reinar.

Os sapes da provincia da Serra Leoa teem rei a quem obedecem, ao qual succede no governo o parente mais chegado filho de sua irmã. Querem assegurar-se com os filhos das irmãs do perigo que pôde acontecer da parte das mulheres. Para ser obedecido, [conta o padre Balthazar Telles na Chron. da Comp. 2 part., tit. 6.º cap. 31, num. 11] o vão buscar, e o trazem atado aos seus paços reaes; como se quizessem dar-nos a entender que vem a governar mais por força alheia do que por vontade propria, e que o rei não é só senhor livre para dominar, mas tambem captivo atado para servir. Depois de o terem preso no paço o açoutam e logo o tornam a desatar, e o vestem de suas insignias reaes, e fica d'ahi por diante feito rei, e obedecido. Parece querem ensinar com esta cerimonia que para ser bom o rei, e poder com acerto governar seus vassallos, havia primeiro de experimentar em si o rigor dos açoutes antes que os desse aos outros. Acertado fôra que os principes tivessem eschola de vassallos para aprenderem a ser reis, pois é ajuda grande para o acerto que conheça o estado dos subditos quem os ha de governar como senhor. — *Nobil. Portug.*

D. CARLOS E PHILIPPE 2.º

(Fragmento da Historia d' Hespanha.)

II

O ARCHITECTO francez foi pensando no que Fr. Miguel lhe aconselhára: "Este desgraçado principe merece bem que se tenha dó d'elle; captivo, oppri-

mido, tendo visto desvanecer uma a uma todas as suas esperanças, porque não contribuirei eu ao menos para que seja livre? Farei o livro que elle me pede: livro sem letras, mas que apesar disso encerra em si a sentença de morte do vilissimo espia de Philippe 2.º E se não bastar essa arma, eu lhe farei alcançar outras, com que elle possa romper por meio dos seus carcereiros, ou, quando não, morrer vingado."

Com effeito Luiz de Foix fez para D. Carlos um livro, composto de doze táboas de lousa, emquadernadas em folhas de ago, e cubertas por cima de terciopelo e ouro: pesava o livro quatorze arrateis, tendo apenas seis pollegadas d'alto, e quatro de largo. Recebendo o volume, o principe lh'o agradeceu cordealmente; e ao mesmo tempo lhe disse, que, desejando ás vezes estar só e com segurança na sua camara, lhe rogava fizesse uma tal machina, com a qual, por meio de algumas roldanas, elle podesse abrir e fechar seguramente a porta, sem se levantar da cama.

Luiz de Foix fez a machina: mas brevemente soube elrei tudo. Disseram-lhe tambem que D. Carlos ficava com duas espadas nuas e duas pistolas carregadas debaixo do travesseiro, e uma arca, cheia de armas, ao pé da cama.

Na vespera do Natal o infante confessou-se: na confissão revelou ao padre, que tinha tenção de matar um homem. Este dicto foi repetido logo a Philippe 2.º, que exclamou: "Esse homem que meu filho quer matar sou eu!" Consultou a inquisição, segundo o seu costume; deu varias providencias, e, no dia 18 de Janeiro, mandou chamar Luiz de Foix, a quem ordenou embaraçasse secretamente as roldanas da machina; porque queria visitar inesperadamente seu filho. O architecto teve que obedecer por força, emquanto D. Carlos ouvia missa.

Nesse dia á noite, o principe, estando só na sua camara, com um criado que o despia, tinha os olhos cravados no retrato de Anna d'Austria, e de repente exclamou: "Se a amasse, tambem meu pae me tiraria!" — Ficou um momento callado, mandou embora o creado, e deitou-se, sem reparar se as roldanas estavam ou não desempeadas.

Déra meia-noite, e o principe dormia a somno solto, quando a porta do quarto se abriu. O conde de Lerma entrou adiante, e sem o acordar, tirou de manso as espadas nuas debaixo do travesseiro de D. Carlos, e assentou-se sobre a arca das armas. Entrou então elrei, precedido, todavia, por Gomes da Silva e muitos outros fidalgos. Acordaram o infante, que, vendo seu pae, exclamou: "Que querem de mim?"

"Sois um insensato:" — respondeu Philippe muito sereno.

"Não, não: — atalhou o moço principe: não estou louco; mas sim desesperado de tudo o que me teem feito. Matem-me depressa."

"Não vim aqui para vos matar — replicou elrei com aspereza — vim para vos castigar; e fazer com que entreis no caminho direito."

Fizeram erguer o infante: vestiram-no de lucto: tiraram-lhe todos os creados; fecharam-no em um aposento todo forrado de preto, cujo unico adorno era uma camilha; e ficaram de guarda a elle seis cavalleiros.

Pensando na sua nova situação, D. Carlos começou a chorar. Depois, lembrando-se de que estariam dando busca ao seu quarto, passou a um accesso de desesperação, cuja crise foi demorada. Tranquillizou-se, enfim; algum tanto, e principiou a queixar-se de que sentia frio; accendeu-se então na cha-

miné da salla uma grande fogueira. Não cessava de repetir estas palavras: "Matem-me depressa." — Como ninguem lhe respondesse, conforme as ordens que elrei dera, atirou-se ao lume, e tanto luctou com aquelles que trabalhavam por tira-lo para fóra, que ficou todo cuberto de chagas. Parecia, porém, que não sentia as dôres. Buscou affogar-se com um diamante; mas não pôde engoli-lo.

Todavia elrei, seu pae, tinha-lhe achado debaixo do leito uma arquinha cheia de papeis, que della mandou tirar, e que toda a noite levou a examinar. Ahí encontrou a correspondencia do infante com os rebeldes de Flandres. Leu-a tremulo de furor, posto que nestes escriptos não fosse menoscabado; mas conheceu que existia um odio mortal contra o seu despotismo. Mais raivoso ficou ainda, quando no fundo da caixa achou um maço de cartas amorosas, que provavam que D. Carlos continuava a amar a rainha, e que era por ella amado.

Philippe 2.^o ergueu-se então pallido e com uma catadura sinistra, e disse uma palavra ao ouvido do conde de Lerma.

Passada uma hora appareceu um confessor diante de D. Carlos. — "É a morte! — exclamou o pobre infante, sorrindo, como se tivesse caído nos braços da felicidade.

Porém conhecendo que era o mesmo homem que tinha revelado a sua antecedente confissão, o que elle já sabia, recuou horrorizado, e não quiz ajoelhar aos pés d'elle. O religioso retirou-se.

"Vão procurar um franciscano:" disse elrei.

Luiz de Foix, que estava presente, se encarregou desta commissão: foi ter com Fr. Miguel, e disse-lhe: "Vistes morrer o avô; vinde assistir ao ultimo transe do neto."

Fr. Miguel sentiu tremerem-lhe as carnes. Acompanhou com grande susto o architecto do paço, que pelo caminho lhe foi contando tudo o que succedera. Vendo o velho franciscano, D. Carlos disse: "Mais feliz serei na morte, porque torno a ver vossa paternidade, cujo aspecto me faz lembrar de meu avô:" — e accrescentou em voz mais baixa, soluçando — "e aquella que me roubaram."

Ajoelhou: o frade chorava ouvindo-o. Acabada a confissão; e tendo o moço principe confiado ao velho sacerdote os seus ultimos pensamentos, e a sua ultima vontade, Fr. Miguel saiu d'alli, mais morto que vivo. Passadas algumas horas, uma pessoa do paço veio ao convento perguntar pelo padre, que confessára o infante: elrei queria fallar com elle; mas já não o encontraram; o frade tinha fugido, ou estava sumido. Só, no dia seguinte, quando se iam dar á sepultura os frios restos de D. Carlos, Philippe 2.^o achou sobre uma das mesas do seu quarto uma carta: abriu-a: continha estas palavras:

"Na presença da morte, vosso pae disse: — Meu filho é amaldiçoado! — Na presença da morte, vosso filho disse: — Meu pae é condemnado!" —

As mesmas horas D. Isabel recebia outra carta, que tambem trouxera mão mysteriosa. Não se soube qual era o seu conteúdo; mas a joven rainha morreu d'ahi a pouco tempo. Philippe 2.^o, vendo-se sem filhos, celebrou o seu quarto casamento com Anna d'Austria, sua sobrinha, a segunda noiva de seu filho.

CONSUMO DO OPIO NA CHINA.

ENTRE as nações embrutecidas pelo despotismo, ou pela miseria, os individuos, que não podem fruir gosos domesticos dictados pela razão, buscam esquecer as desventuras, que sobre elles pesam, por meio

de prazeres violentos, não menos funestos ao espirito que ao corpo; ou, então, se entregam a uma total indifferença ácerca da sua mesquinha sorte. Assim o turco madraço e fanatico, e o chim ignorante e miseravel, envilecidos pela superstição, ou pelo despotismo, recorrem ao opio para se embriagarem, ou para excitarem em si proprios sentimentos violentos, posto que transitorios. O mais desaventurado povo da Europa, o inglez, não conhece, por via de regra, outro prazer que não seja attestar-se de cerveja, ou de bebidas espirituosas. Os irlandezes, ainda são mais desgraçados, porque o seu trabalho não lhes rende bastante para comprarem licôres fermentados.

É em verdade espantosa a porção de bebidas fermentadas que se gastam em Inglaterra; mas se attendermos a quão pequena porção d'opio basta para produzir o effeito de uma canada de cerveja ou de vinho, ver-se-ha que a China deita a barra adiante á Inglaterra em embriaguez. A introdução naquella paiz do opio que produz a India, achou-se que foi; durante os nove primeiros mezes do anno de 1828, de 1:800:000 arrateis de peso. Se accrescentarmos a esta quantidade o opio levado da Turquia para a China, teremos uma somma de dois milhões de arrateis, que, avaliados segundo o preço regular de cada arratel, equivalem a quatro milhões de libras esterlinas, ou pouco mais ou menos 50 milhões de cruzados, que é o dobro da somma gasta cada anno na China, pela companhia das Indias, para a compra do chá. Todavia as leis do imperio chim prohibem a entrada do opio "como um veneno nocivo ao espirito, ao corpo, e á moral publica." — O que seria se houvesse liberdade plena para comprar esta mercadoria!

LUCTO DOS TURCOS.

A PAGINAS 26 do 1.^o volume démos uma noticia da maneira por que os turcos fazem os enterros: completaremos aqui o que lá escrevemos sobre esse objecto, referindo os costumes deste povo pelo que toca ao lucto, e mais signaes de dó, e commemoração pelos defunctos.

Durante um anno depois da morte de qualquer turco, os parentes vão fazer visitas ao seu sepulchro todas as segundas e quintas-feiras, e nestes dias juncam-lhe a campa de flôres: além disso costumam orar sobre ella, no 3.^o, 7.^o, e 40.^o dia depois do enterro; e por espaço de sete annos, vão todos os mais próximos parentes, uma vez cada anno, resar pelo defuncto, e distribuir comida e outras esmolas aos necessitados.

Os turcos não fazem nenhuma mudança no trajo para indicar o lucto. Todavia as turcas despem os adornos exteriores, e enfeites da cabeça, que costumam usar de mui variadas e alegres côres. As joias, e outros semelhantes diches tambem os tiram; e por este modo andam, vestidas, além disso, de branco, ou, quando não, de preto escurissimo, durante um anno, sendo viuvias, ou durante seis mezes, quando o morto é outro parente, que não seja marido, ainda que este periodo varia, ás vezes, segundo o grau de parentesco que tinham com o defuncto.

Por quarenta dias depois do enterro dos maridos, as viuvias, segundo os estylos turcos, devem estar rigorosamente encerradas em casa, e dar todas as demonstrações da mais viva e inconsolavel afflicção.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.^o 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.